



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP
REPOSITÓRIO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA E INTELLECTUAL DA UNICAMP

Versão do arquivo anexado / Version of attached file:

Versão do Editor / Published Version

Mais informações no site da editora / Further information on publisher's website:

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8637215>

DOI: 10.20396/cel.v51i2.8637215

Direitos autorais / Publisher's copyright statement:

©2009 by UNICAMP/IEL. All rights reserved.

DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO

Cidade Universitária Zeferino Vaz Barão Geraldo

CEP 13083-970 – Campinas SP

Fone: (19) 3521-6493

<http://www.repositorio.unicamp.br>

**ADVPS HABITUAIS E ADVPS FREQUENTATIVOS: AMBOS ASPECTUAIS
QUANTIFICADORES; MODALIZADORES, SÓ OS HABITUAIS***

AQUILES TESCARI NETO
Università Ca' Foscari di Venezia/CNPq

ABSTRACT: Comrie (1975) had already noticed that habitual and iterative/frequentative aspects used to be treated as instances of the same aspectual subtype by some papers available in general Linguistics literature. The author distinguishes such instances of the aspectual category by recognizing that habitual aspect expresses the occurrence of an event or state as characteristic of a period of time while iterative expresses the mere repetition of an event or state. Cinque (1999) takes the fact that the iterative aspect is under the scope of the habitual aspect to keep them in different functional projections in the split IP. In our paper, we take the inherently modal nature of habitual aspect (a possibility not available to the iteratives) to show that these instances of aspect must be treated as different manifestations of the aspect category, either on Semantics or on Syntactic grounds. In order to capture the modal nature of the habitual aspect adverbs, we base our analysis on Tescari Neto (2008)'s Tau Condition.

Key-words: habitual aspect; habitual aspect adverbs; frequentative aspect; frequentative adverbs; modality; Tau Condition; Cartographic Syntax.

O PROBLEMA

Comrie (1976) notou que, nas discussões sobre a categoria semântica aspecto, é comum a confusão entre o *aspecto habitual* e o *aspecto iterativo/frequentativo*.¹ Segun-

* Agradeço ao CNPq pela concessão de bolsa de Mestrado (processo 130287/2006-7) e Doutorado no Exterior (processo 200762/2008-7). Agradeço à prof.a Sonia Cyrino pela *dedicada* orientação durante o Mestrado. Agradeço aos pareceristas pelas observações, especialmente ao “parecerista número 1” pela cuidadosa e atenciosa leitura, pela (grande) quantidade de observações, sugestões e questionamentos, que me fizeram não só repensar as imperfeições e alguns pontos obscuros da versão preliminar deste trabalho, mas também olhar para algumas questões que necessitam de investigação futura! Tomo, então, para mim, como é natural, a responsabilidade dos erros que continuaram. Neste trabalho, apresento uma parte das discussões do cap. IV de minha dissertação de mestrado (cf. Tescari Neto, 2008), defendida no Instituto de Estudos da Linguagem, da UNICAMP. Agreguei, para a presente oportunidade, algumas das reflexões da minha pesquisa de doutorado, em andamento, desenvolvida na Università Ca' Foscari di Venezia, sob a orientação do prof. Guglielmo Cinque. E-mail: aquilestescari@yahoo.it

¹ Utilizaremos as noções aspecto iterativo/aspecto frequentativo como sinônimas. A mesma observação se estende às menções feitas daqui por diante aos advérbios que lexicalizam esta noção, i.e., os frequentativos/iterativos do tipo de *frequentemente*, em português. É importante ter presente que em Sintaxe Cartográfica (pelo menos no modelo de Cinque (1999, 2004), abordagem aqui assumida) o aspecto iterativo/frequentativo é representado em uma projeção sintática singular, i.e., Asp_{Frequentative}P (com o AdvP *frequentemente*, em português, ocupando o seu Spec). Cf. seção 1, a seguir, para as duas posições em que *frequentemente* pode ser gerado (uma toma por escopo o evento; a outra, o processo).

do o autor citado, o aspecto habitual difere do aspecto iterativo/frequentativo—que indica “a mera repetição de uma situação” (id., *ibid.*, p. 27)—, uma vez que o habitual refere-se a situações que se sucedem durante um período apresentado como sendo ilimitado.

Os advérbios (adv) aspectuais habituais mencionados em Cinque (1999, p. 91) são os advs ingleses *usually, generally, habitually*, etc. No português brasileiro (PB), os advs *normalmente, geralmente, habitualmente* expressam o aspecto habitual:

- (1) *Normalmente*, os homens primitivos caçavam de manhã.

Os advs que correspondem à distinção funcional *iterativa/frequentativa*, em Cinque (1999), são *frequentemente* (*often, frequently*, em inglês; *spesso, frequentemente*, em italiano):

- (2) Rosana *frequentemente* dança com os mesmos rapazes.

Na literatura sobre o assunto, os advs aspectuais têm sido reconhecidos como advs quantificadores, uma tradição que remonta a Lewis (1975). Na esteira deste autor, outros trabalhos mencionam essa função quantificadora dos advs aspectuais: Chierchia (1995), Ilari e Basso (2003), Castilho (1993), Cinque (1999), dentre outros. Tanto os habituais quanto os frequentativos, segundo essa literatura citada, compartilhariam dessa propriedade de gerar um efeito quantificador, em virtude do fato de, ao valer-se de tais advs, o falante indicar o número de vezes em que um estado de coisas ou evento ocorre, quantificando sobre casos (cf. Lewis, 1975).

Uma proposta da literatura para a diferenciação dessas duas realizações do aspecto verbal é a de Cinque (1999), feita essencialmente com argumentação sintática: o aspecto habitual tem escopo sobre o frequentativo, mas o inverso não é válido, visto que aquele precede este na árvore:

- (3) Italiano (cf. Cinque, 1999, p. 91)²
 (4a,b correspondem às glosas para o português)
 a. Mario è di solito spesso costretto a rimanere a casa.
 b. *? Mario è spesso di solito costretto a rimanere a casa.

² (4a,b) correspondem às glosas para o português. Observar, entretanto, que há uma ligeira diferença na ordem das palavras, nesses exemplos, nos dados do PB e do italiano. Nos dados do italiano (cf. 3), o movimento do auxiliar para Agr deixa, na ordem linear, os AdvPs habituais e frequentativos em contiguidade. O PB admitiria, talvez marginalmente, uma ocorrência como:
 (i) a. O Mário é normalmente frequentemente obrigado a ficar em casa.

mas jamais algo do tipo de (ib)

- (i) b. * O Mário é frequentemente normalmente obrigado a ficar em casa.

O que nos interessa, aqui, em primeiro plano, não é propriamente a sintaxe do movimento do verbo em PB e em italiano, mas a co-ocorrência dos advérbios citados e a ordenação relativa desses AdvPs entre si. Assim, ainda que em PB uma sentença do tipo de (3a) ‘soe’ muito melhor com algum ‘material sentencial’ intervindo entre os dois advérbios (veja 4a), a generalização é a mesma, i.e., AdvP habitual precede AdvP frequentativo. Em Tescari Neto (2008, cap. III), fornecemos uma série de razões para considerar os

- (4) a. Normalmente o Mário é frequentemente obrigado a ficar em casa.
 b. * Frequentemente o Mário normalmente é obrigado a ficar em casa.

No caso, cada um desses AdvPs ocuparia o Spec de uma XP distinta, seguindo a ordem $Asp_{\text{Habitual}} P > Asp_{\text{Frequentative}} P$. Na seção 1, apresentamos com mais vagar essa proposta de Cinque (1999).

Outra proposta disponível na literatura para a diferenciação do aspecto habitual e do frequentativo é a de Bhat (1999), que se vale do binômio indução-dedução. Segundo o autor, o aspecto habitual se caracteriza por uma natureza indutiva; o frequentativo, por uma natureza dedutiva. Nesse sentido, enquanto na definição de aspecto frequentativo necessariamente se deve levar em consideração uma série de ocorrências do evento referido, na definição do habitual pode-se considerar apenas única ocorrência do evento (Bhat, 1999, p. 53).

Bhat oferece uma situação hipotética que auxilia a compreender essa diferença relativa ao fato de o aspecto habitual ter uma natureza mais indutiva: “[O aspecto habitual] pode até ser usado por um falante que de fato nunca observou a chegada “habitual” de um trem, se ele simplesmente olhar a tabela de horários.” (Bhat, 1999, p. 53)

Essas observações de Bhat são importantes no sentido de lançarem alguma luz sobre (uma das) diferenças semânticas entre o aspecto habitual e o frequentativo.

À essa proposta, soma-se a nossa – defendida neste trabalho –, segundo a qual os AdvPs habituais, *mas não* os AdvPs frequentativos, atuam como advs modalizadores. Assumimos aqui a definição de modalização proposta em Narrog (2005), segundo a qual a modalização gera um efeito de indeterminação da factualidade da proposição (cf. NARROG, 2005). Na definição dessa autora, uma sentença está modalizada se nada se pode dizer em relação ao seu estatuto factual, i.e., a expressão de um estado de coisas é modalizada se é marcada como sendo indeterminada em relação ao seu estatuto factual (cf. Narrog, 2005, p. 184).

AdvPs habituais como AdvPs sentenciais (ou AdvPs altos em PB). Pode ser que, por esta razão, tais AdvPs naturalmente ocupem a posição inicial da sentença em que ocorrem, uma vez que advérbios de sentença, por razões de “atribuição de escopo”, se movem para Spec,CP em LF (cf. Belletti, 1990; e, para uma versão mais atual, Rizzi (2005), que denomina essa posição de Spec, “ModifierP” no CP cindido). Algumas línguas como o francês (cf. Belletti, 1990, p. 55) teriam o movimento ‘visível’ do AdvP para essa posição:

- (i) *Probablement* que Jean lira ces livres
 (lit. ‘Provavelmente que o J. lerá estes livros’), Belletti, 1990, p. 55, ex. (5b))
 (ii) *? *Probablement* Jean lira ces livres.
 (iii) Jean *probablement* aime la linguistique. (Belletti, 1990, p. 44, ex. (36b))
 (J. provavelmente gosta de linguística).

(em que: (iii) apresenta a ordem em que o advérbio é gerado em francês; (ii) apresenta uma ordenação marginal, i.e., com o advérbio à esquerda do sujeito; (i) apresenta uma ordenação possível, com o AdvP em uma posição de Spec do CP cindido.)

Talvez, em PB, esta possibilidade de movimento do AdvP habitual *normalmente* é aberta já na sintaxe visível—o que permitiria derivar (4a) com mais naturalidade—, ainda que ocorrências como ‘?/**Normalmente* que as reuniões da associação de pais e alunos acontecem à noite’ apresentem alguma degradação. Agradeço a um dos pareceristas anônimos por ter-me colocado a importante questão da ordem nos dados (3-4).

Associando a proposta de Bhat à nossa, poderíamos dizer que a natureza indutiva do aspecto habitual (cf. Bhat, 1999) parece guardar alguma relação com o efeito modalizador por ele gerado. Se pensarmos no exemplo hipotético de Bhat (1999) sobre a chegada *habitual* do trem, é possível capturar o efeito modalizador gerado pelo adv habitual, mas não pelo adv frequentativo/iterativo. As ocorrências a seguir exemplificam o raciocínio:

- (5) [Na estação ferroviária de Mirassol, seu Luís e o compadre Bastião esperam pelo trem que levará o compadre a São Paulo. Seu Luís nunca esteve na estação ferroviária daquela cidade e nunca andou de trem.]
- a. *Compadre Bastião*: – Compadre, que hora que o trem sai daqui?
[Seu Luís consulta a tabela dos horários e diz:]
Seu Luís: – Normalmente, ele sai às dez.
- b. *Compadre Bastião*: – Compadre, que hora que o trem sai daqui?
[Seu Luís consulta a tabela dos horários e diz:]
Seu Luís: ??? – Frequentemente, ele sai às dez.

O uso do adv *normalmente*, em (5a), mas não o de *frequentemente*, em (5b), traz à luz a natureza *indutiva* do aspecto habitual. Seu Luís nunca esteve na estação ferroviária daquela cidade e nunca andou de trem; no entanto, (5a) é bem formada: bastou uma consulta à tabela dos horários. A degradação de (5b) aponta para a natureza não-indutiva do aspecto frequentativo: o uso do aspecto frequentativo leva necessariamente em consideração uma série de ocorrências do evento referido (lembre-se de que seu Luís nunca esteve na estação ferroviária daquela cidade e nunca andou de trem(!)). (5b) se refere a um evento jamais presenciado por Seu Luís, mas modificado por um quantificador cujo uso *necessariamente implica a consideração de uma série de ocorrências* do evento em questão. Disso decorre a má formação de (5b).

Na seção 1, apresentamos (resumidamente) a teoria de Cinque (1999) sobre os advs especificadores, destacando, em 1.1, a proposta desse autor para a diferenciação dos advs habituais e dos frequentativos. Na seção 2, apresentamos a “Condição Tau” – uma condição semântica que opera, contudo, sobre *domínios sintáticos específicos*, proposta em Tescari Neto (2008) –, que nos auxilia a capturar o efeito modalizador dos advs habituais. AdvPs habituais serão diferenciados, então, dos frequentativos, com base no fato de que os primeiros, mas não os segundos, geram um efeito modalizador do conteúdo proposicional. Na seção 3, fazemos um resumo dos pontos discutidos no artigo.

1. ADVPS HABITUAIS E FREQUENTATIVOS NA TEORIA DE CINQUE (1999)

Cinque (1999) reconhece uma série de advs quantificadores rigidamente ordenados na estrutura funcional da oração (IP). Valendo-se de testes sintáticos, Cinque propõe que os AdvPs se ordenam rigidamente em IP, ocupando a posição de especificadores únicos de projeções funcionais distintas. Assim, o IP cindido hospedaria, além de AgrP, TP, NegP, cerca de trinta XPs de importe semântico e pragmático próprio (sendo a maioria projeções que abrigam advs e núcleos modalizadores ou aspectuais). Em (6), representamos os X^os (núcleos) das XPs que integram o IP cindido de Cinque (1999); omitimos a indicação do AdvP de cada projeção pelo fato de ser da mesma natureza semântica que o núcleo menci-

onado. Vale ressaltar que Cinque (2001, 2003, 2006) inclui outras XPs no IP cindido, dentre elas $Asp_{Andative}P$ – que hospeda verbos de movimento como *andare* (italiano “ir”) – e $AspP_{Prepositional}$ – cujo núcleo é ocupado por verbos do tipo de *to tend* (inglês “tender”) –, entreando essa sequência original de XPs funcionais.

(6) A hierarquia funcional de Cinque (1999, p. 106)

[Modo_{ato de fala} [Modo_{avaliativo} [Modo_{evidencial} [Modalização_{epistêmica} [T (Passado) [T (Futuro) [Modo_{irrealis} [Modalização_{necessidade} [Modalização_{possibilidade} [Asp_{habitual} [Asp_{repetitivo} [Asp_{frequentativo} [Modalização_{voltiva} [Asp_{celerativo} [T (Anterior) [Asp_{terminativo} [Asp_{continuativo} [Asp_{perfectivo(?)} [Asp_{retrospectivo} [soon Asp_{proximativo} [brevemente Asp_{durativo} [Asp_{genérico/progressivo} [Asp_{completivo(I)} [Asp_{completivo} [Voz [Asp_{celerativo(II)} [Asp_{repetitivo(II)} [Asp_{frequentativo(II)} [Asp_{completivo(II)}

A árvore seguinte apresenta o posicionamento da XP que abriga o aspecto habitual. É interessante notar a contiguidade de $Asp_{Habitual}P$ com $Mod_{Possibility}P$: o adv *normalmente* é o AdvP que imediatamente segue o último modalizador na direção *top-down*, a saber, o alético *possivelmente*. A projeção do aspecto frequentativo está sob o escopo, como vimos, de $Asp_{Habitual}P$:

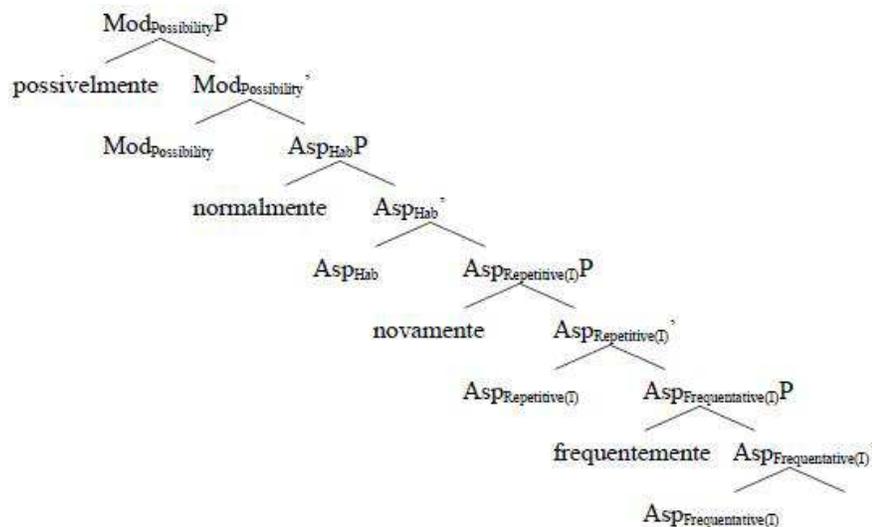


Figura 1 : O posicionamento do XP Aspecto Habitual

Para argumentar a favor da pertinência dessas XPs, Cinque recorreu tanto à ordenação dos núcleos funcionais (em diversas línguas) (cf. Cinque, 1999, especialmente o capítulo 4) quanto à ordenação dos advs em Spec (também levando em consideração dados de línguas diversas). A ordenação dos AdvPs reflete a ordenação dos núcleos, o que ratifica a proposta de expansão do IP.

A árvore da figura a seguir, apresenta o aspecto frequentativo (II). Cinque cria duas posições (uma alta e uma baixa) para que uma mesma forma adverbial – se gerada em duas posições distintas na oração – seja abrigada em Specs distintos, a depender do seu escopo. No caso de um XP (I), o adv especificador tem escopo sobre o evento; no caso de um XP (II), o adv, em Spec, tem escopo sobre o processo (cf. (7), de Cinque (1999), em que o adv à esquerda tem escopo sobre o evento e o adv à direita tem escopo sobre o processo).

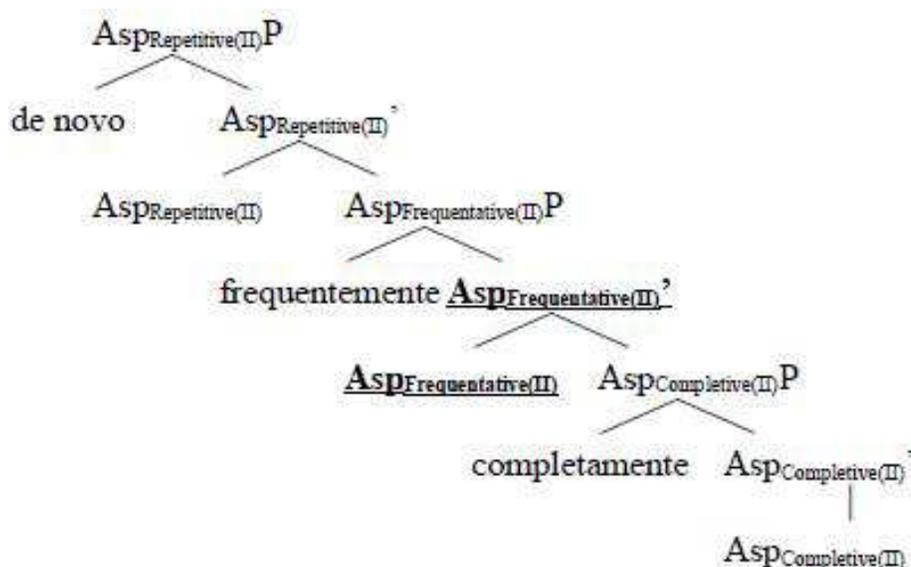


Figura 2: $Asp_{Frequentative(II)}P$

- (7) a. Gianni, saggiamente, *spesso* esce con la stessa persona *spesso*.³
 a'. Sabilmente, o Gianni frequentemente sai com a mesma pessoa frequentemente.
 b. Gianni *raramente* esce con la stessa persona *spesso*.
 b'. O Gianni raramente sai com a mesma pessoa frequentemente.

³ As sentenças do italiano (7a,b) foram retiradas de Cinque (1999, p. 92). (7a', b'), do PB, são glosas (com julgamentos para o PB, naturalmente) das ocorrências do italiano. Em relação às ocorrências (7b'), vale observar que o advérbio *raramente*, em PB, além das duas posições de “geração na base”, mencionadas e propostas já em Cinque (1999)—i.e., Spec, $Asp_{Frequentative(I)}P$ e Spec, $Asp_{Frequentative(II)}P$, a primeira com escopo sobre o evento; a segunda com escopo sobre o processo—, pode também ocupar a posição de X^0 de *OnlyP*, uma projeção sob o escopo de IP e com escopo sobre VP (cf. nota 5). A possibilidade de advérbios altos serem reaproveitados como modificadores de constituintes sentenciais pode ser acomodada na proposta de Kayne (1998). Remetemos o leitor à nota 5, em que discutimos com vagar o aproveitamento de advérbios altos como modificadores de constituintes sentenciais. Vale lembrar que, como focalizadores, esses itens não gozam mais, em termos de teoria de Cinque (1999), do estatuto de AdvPs, porquanto, dentre outras propriedades, não se ordenam rigidamente um em relação ao outro (cf. Cinque, 1999, cap. 1), sendo parenteticamente inseridos na sentença. Agradecemos a um dos pareceristas por ter-nos indagado sobre a ('aparente') “distribuição muitíssimo mais livre” do advérbio *raramente* em português.

Essas ocorrências de (7) oferecem suporte à argumentação de Cinque, segundo o qual haveria duas posições de geração na base aos quantificadores: os advs *spesso* (*frequentemente*) e *raramente* (*raramente*), à esquerda, quantificam sobre o evento (em (7a’), p. ex., *frequentemente* pode ser entendido em termos de ‘ocasiões’: o número de ocasiões que o Gianni sai com a mesma pessoa é frequente); os advs à direita do verbo quantificam sobre o processo (em (7a’), p. ex., são frequentes as ocasiões em que o João sai *várias vezes* com a mesma pessoa).

A apresentação da proposta de Cinque (1999) feita nesta seção mostrou que, de um ponto de vista sintático, AdvPs habituais e AdvPs frequentativos necessariamente ocupam Specs de XPs distintas, devendo, como consequência, ser mantidos em grupos distintos. Há outras razões, ainda de natureza sintática, para manter tais AdvPs em duas classes distintas. Este é o assunto da próxima subseção.

1.1 AdvPs de aspecto habitual > AdvPs de frequência

O problema sobre a distinção aspecto habitual/aspecto frequentativo envolve uma questão bastante complexa: alguns linguistas relutam em considerar AdvP Asp_{Habitual}P e AdvP Asp_{Frequentativo}P como advs distintos.

Santana (2005), por exemplo, considera que AdvPs de aspecto habitual constituiriam, com os advs frequentativos, uma única classe no PB. A discussão que apresentamos a seguir argumenta *contra* essa proposta, já pelo fato de os primeiros, mas *não* os segundos, atuarem como modalizadores não só no PB, mas universalmente.

Para Santana, um aspectual habitual não poderia co-ocorrer com um AdvP de frequência no PB. Os dados de (8), a seguir, (cf. (94), de Santana, 2005) são as sentenças de que este autor se vale para chegar a essa conclusão.

- (8) a. *Usualmente geralmente ele não come carne.
b. *Habitualmente geralmente ele não come carne.

Entretanto, ao que nos parece, haveria aqui uma confusão em relação ao que considerar como adv representante da classe dos aspectuais habituais ou da classe dos aspectuais de frequência. *Geralmente* e *usualmente* pertencem à mesma classe de AdvPs, a saber, a classe dos advs aspectuais habituais. O problema da interpretação dos dados de (8), por Santana, tem que ver, parece-nos, com o fato de ele ter considerado como AdvP de frequência um AdvP habitual, *geralmente*.

Usualmente e *geralmente* na zona pré-VP são advs da mesma classe, motivo por que não podem co-ocorrer (cf. seção 2, em que apresentamos a “Condição Tau”, por nós proposta, que explica por que advérbios que portam um mesmo traço não podem co-ocorrer em certos domínios sintáticos). Evidência adicional para o fato vem dos dados (9 e 9’), em que *geralmente* – genuinamente um AdvP de aspecto habitual – precede um AdvP de frequência, como *frequentemente* (cf. os dados de (9)), mas não o pode seguir (cf. (9’)), estando os dois alocados na zona pré-vP, ou seja, no espaço do IP cindido de Cinque (1999):

- (9) a. Geralmente os homens primitivos frequentemente caçavam de manhã.
 b. Geralmente, Fábio, Rosana e Castorina frequentemente estudam juntos para os exames da escola.
 c. Usualmente/normalmente, o bandeirão da UNICAMP frequentemente serve maçã de sobremesa.
 d. Usualmente, Seu Agenor faz frequentemente caminhada antes das corridas de táxi.

Como se vê, nos dados acima, AdvPs habituais co-ocorrem com AdvPs de frequência, o que mostra que em PB a co-ocorrência é possível: habituais e frequentativos não constituem, portanto uma mesma classe (diferentemente do que Santana (2005) propõe). A ordem reversa não é possível, o que era já esperado em termos de Cinque (1999) (cf. ocorrências de (9') a seguir):

- (9') a. ?/* Frequentemente, os homens primitivos geralmente caçavam de manhã.
 b. ?/* Frequentemente, Fábio, Rosana e Castorina geralmente estudam juntos para os exames da escola.
 c. ?/* Frequentemente, o bandeirão da UNICAMP usualmente/normalmente serve maçã de sobremesa.
 d. ?/* Frequentemente, Seu Agenor usualmente faz caminhada antes das corridas de táxi.

Evidência adicional para a pertença dos AdvPs *normalmente/geralmente/usualmente e frequentemente* a XPs diferentes – e, obviamente para a distinção semântica entre o aspecto habitual e o aspecto frequentativo – vem do comportamento distinto desses AdvPs diante de ocorrências envolvendo alguns predicados *i-level* (no sentido de Chierchia, 1995), conforme se observa em (11a,b), a seguir. Predicados *i-level* expressam propriedades permanentes ou que tendem a ser estáveis, opondo-se a predicados *s-level* que exprimem propriedades transitórias, episódicas. Embora predicados *i-level* e advérbios quantificadores não possam co-ocorrer – cf. a agramaticalidade de (10a,b), envolvendo predicado *i-level*, e a gramaticalidade de (10'a,b), envolvendo predicado *s-level* –, salvos os casos envolvendo plurais nus ou indefinidos (cf. Chierchia, 1995, p. 180-181), AdvPs habituais *aceitam* a co-ocorrência com predicados *i-level* (cf. (11a)), o que parece não ser possível com advérbios frequentativos (cf. (11b)).

- (10) Inglês (cf. Chierchia, 1995, p. 180)
 a. ?? When John knows Latin, he always knows it well.
 (Quando o J. sabe latim, ele sempre sabe bem).
 b. ?? When John is intelligent, he is always pleasant.
 (Quando o J. é inteligente, ele é sempre agradável.)
 (10') Inglês (id. ibid.)
 a. When John speaks Latin, he always speaks it well.
 (Quando o J. fala latim, ele sempre fala bem.)
 b. When J. is drunk, he is always obnoxious.
 (Quando o J. está bêbado, ele sempre fica ofensivo.)
 (11) a. Geralmente/normalmente, os brasileiros são pessoas boas.
 b. ?/* Frequentemente, os brasileiros são pessoas boas.

Em (11), o predicado “pessoas boas” é apresentado como sendo uma característica tendencialmente estável dos brasileiros, o que ilustra uma propriedade dos predicados *i-*

level no sentido de Chierchia (*op. cit.*). Esperar-se-ia o mesmo julgamento de gramaticalidade para (11a) e (11b), *peelo fato de ambas envolverem advérbios quantificadores*. No entanto, (11a) é gramatical, mesmo envolvendo um advérbio quantificador em presença de predicado *i-level*. Segundo a nossa interpretação para os dados de (11a,b) – a mesma observação vale para (12), do japonês, a seguir –, AdvPs habituais, talvez por admitirem uma leitura modalizadora, aceitam a co-ocorrência com alguns predicados *i-level*, em sentenças do tipo de (11). Sentenças do tipo de (11b), envolvendo AdvPs de frequência, não admitem a leitura modalizadora, o que talvez explique, em certo sentido, a sua anomalia. Ao que nos parece, os dados de (11a,b) podem ser tomados como evidência independente para a constatação do efeito modalizador dos advs de aspecto habitual e, conseqüentemente, para a pertença dos habituais a uma XP distinta da XP a que pertencem os frequentativos.

Esse fato também é observado no japonês. Segundo os dados a seguir, fornecidos por H. Narrog (comunicação pessoal), *hutu* (*normalmente*) pode aparecer em uma sentença com predicado *i-level*; já *yoku* (*frequentemente*), não pode, o que constitui mais uma razão seja para separar os dois AdvPs em projeções distintas, seja para legitimar a nossa análise do efeito modalizador dos habituais, mas não dos frequentativos.

- (12) *Japonês*
- | | | | |
|---|-------------------|-----|-------------------|
| a. Hutuu-wa | buraziru-zin-wa | ii | hito-tati-da. |
| normalmente-top | brasil-pessoa-top | | boa homem-plu-cop |
| (Normalmente, os brasileiros são boas pessoas.) | | | |
| b. ? Buraziru-zin-wa | yoku | ii | hito-da |
| brasil-pessoa-top | frequentemente | boa | homem-cop |
| (Frequentemente, os brasileiros são boas pessoas) | | | |

Em Cinque (1999, p. 90 *et. Seq.*) assume-se, conforme dissemos (cf. seção 1), que AdvPs habituais são hospedados em Spec Asp_{Habitual} P e que AdvPs frequência ocupam a posição Spec de Asp_{Frequentative} P. Este fato é claro para o italiano e para as línguas investigadas por Cinque. As ocorrências acima, do japonês, e as ocorrências (3-4), repetidas a seguir em (13-14), respectivamente, corroboram a pertinência – dada a universalidade dos fatos da Sintaxe – de se manter habituais e frequentativos em XPs distintas por pertencerem a classes diferentes:

- (13) Italiano (cf. Cinque, 1999, p. 91)
(14a,b correspondem às glosas para o português)
- a. Mario è di solito spesso costretto a rimanere a casa.
b. *? Mario è spesso di solito costretto a rimanere a casa.
- (14) a. Normalmente o Mário é frequentemente obrigado a ficar em casa.
b. * Frequentemente o Mário normalmente é obrigado a ficar em casa.

Segundo a interpretação de Cinque para os dados (13-14), se um AdvP habitual precede um AdvP de frequência, a sentença é possível; as sentenças de (b), que apresentam a ordem reversa, são degradadas. (14) fornece evidência adicional para o fato de que *normalmente/geralmente* e *frequentemente* ocupam a posição de Spec de XPs distintos no PB (contrariamente à análise de Santana (2005)).

Também no japonês, no chinês e no coreano, AdvPs habituais podem co-ocorrer com AdvPs de frequência (cf. (15), a seguir, do japonês, (16), do mandarim chinês e (17) do coreano) – ver também a discussão em Tescari Neto (2008, cap. IV) –. De acordo com (16a) e (17a), AdvPs habituais > AdvPs frequentativos em chinês e coreano, já que o inverso não é possível ((16b) e (17b)):

- (15) *Japonês*
 Gensi-zin-tati-wa hutuu asa-ni
 primitivo-pessoa-plu-top normalmente manhã-adv
 yoku kari-o si-ta mono-da
 frequentemente caçar-ACC fazer-pASS coisa-cop
 (Geralmente os homens primitivos frequentemente caçavam de manhã.)
- (16) *Chinês*
 a. *Tongchang*, *yuanchi* *ren* *changchang*
 geralmente primitiva pessoa frequentemente
 zai zaoshang dalie
 de manhã caçar
 (Geralmente os homens primitivos frequentemente caçavam de manhã.)
 b. * *Changchang yuanchi ren tongchang zai zaoshang dalie.*
 (Frequentemente os homens primitivos geralmente caçavam de manhã)
- (17) *Coreano*
 a. *Ilbangeok-euro/daetchero* *wonsiin-eun* *jaju*
 normalmente/geralmente homem-primitivo:NOM frequentemente
achime sanhang ha kon haet-et-da
 manhã-LOC caça-ACC AspHab fazer-PASS
 (Normalmente os homens primitivos frequentemente caçavam de manhã)
 b.) * *Jaju* *wonsiin-eun* *ilbangeok-euro/daetchero*
 frequentemente homem-primitivo:NOM normalmente/geralmente
achime sanhang ha kon haet-et-da
 manhã-LOC caça-ACC AspHab fazer-PASS
 (Frequentemente os homens primitivos normalmente/geralmente caçavam de manhã)

(13) e (16-17) oferecem mais evidências para a pertinência de se considerar os advs aspectuais habituais e os advs de frequência como advs de natureza diferente. Não só no PB esses itens ocupam Specs de XPs distintos, mas também no italiano, chinês, japonês e coreano (e, na esteira de Cinque (1999), nas mais diversas línguas).

2. ADVPS HABITUAIS SÃO MODALIZADORES; ADVPS FREQUENTATIVOS, NÃO

Jackendoff (1972) – cf., também, Cinque (1999, p. 11) – propõe uma restrição ‘semântica’ à co-ocorrência de advérbios de “mesma classe”. Segundo o autor, AdvPs de mesma natureza não podem co-ocorrer. Entretanto, (18a) questionaria, a proposta de ordenação hierárquica de Cinque, segundo a qual *deveríamos esperar a gramaticalidade dessa ocorrência*, já que, segundo a hierarquia apresentada em (6), acima, modalização epistêmica precede a modalização alética de possibilidade.

- (18) PB
 a. * Provavelmente os alunos da nossa universidade possivelmente vão lutar pela instalação de um restaurante universitário no câmpus.

- b. * Possivelmente os alunos da nossa universidade provavelmente vão lutar pela instalação de um restaurante universitário no câmpus.

Embora Cinque tenha proposto que $\text{Mod}_{\text{Epistemic}}\text{P}$ (*provavelmente*) $>$ $\text{Mod}_{\text{AlethicPossibility}}\text{P}$ (*possivelmente*)—o que nos faria esperar (18a), mas não (18b)—, *provavelmente e possivelmente* não podem co-ocorrer em nenhuma ordem.⁴ Ocupariam, portanto, os advs *provavelmente e possivelmente* a mesma posição de Spec na árvore de Cinque, representada anteriormente em (6), tendo em vista o fato de estarem (ao menos aparentemente) em distribuição complementar? Nossa resposta é ‘não’. Como explicar, então, esses resultados inesperados pela hierarquia universal de Cinque? Antes de propor a nossa solução ao problema, convém apresentar algumas outras sentenças em que dois advs da hierarquia de Cinque deveriam co-ocorrer (seguindo a ‘lógica de funcionamento da hierarquia’). Tal co-ocorrência, como veremos, não é sempre possível.

Segundo a proposta de Cinque, advs aléticos de necessidade (*necessariamente*) poderiam aparecer na mesma sentença que advs aléticos de possibilidade (*possivelmente*), se a ordem *necessariamente > possivelmente* fosse observada. Entretanto, Bhatia (*online*) observa que, em hindi, tal co-ocorrência não é possível. A mesma observação vale para o PB e para o japonês (cf. TESCARI NETO, 2008, 2009):

- (19) PB
 a. ??? Necessariamente, os homens primitivos possivelmente caçavam de manhã.
 b. * Possivelmente, os homens primitivos necessariamente caçavam de manhã.
- (20) Japonês
 a. ??/**Mosi-ka site, karera-wa kanarazu fukugaku-suru-daroo.*
 (Possivelmente eles necessariamente serão readmitidos.)
 b. **Kanarazu, karera-wa mosi-ka site....*
 (Necessariamente, eles possivelmente serão readmitidos.)

O número de (aparentes) contra-exemplos à hierarquia de Cinque (1999) se multiplicam (cf., para mais detalhes e ocorrências, Tescari Neto, 2008, cap. IV). Mas o que ‘bloquearia’ as sentenças (18-20)? Parece que estamos diante de uma restrição mais geral que opera sobre domínios *sintáticos* específicos. Assim, em (18), os advs apresentariam algum traço em comum em sua entrada lexical (assumamos, para o momento, o traço [- comprometimento do falante] – seguindo Cinque (1999, cap. 6, seção 6.1), Dall’Aglio-Hattner (1997) e Tescari Neto (2008, especialmente cap. 4, seção 1.2.3) –. Os advs de (19-20) – adv alético de necessidade (*necessariamente*), adv alético de possibilidade (*possivelmente*) – apresentariam igualmente um traço comum, [+ alético], o que explicaria a impossibilidade de sua co-ocorrência.

Qual a vantagem de se explicar a agramaticalidade de (18-20) em termos de ‘traços’ que aparecem ‘repetidos’ na sentença? Aparentemente, seria dizer a mesma coisa que Jackendoff (1972), segundo o qual advs de mesma natureza não podem co-ocorrer em uma mesma sentença. Não haveria vantagem alguma, à primeira vista, em recorrer a teorias de traços para explicar a agramaticalidade dessas ocorrências.

⁴ Cf., em Tescari Neto (2008, cap. IV, seção 3), os casos em que é possível encontrar dois advs que portam um mesmo traço funcional em uma mesma ocorrência. Esses casos não invalidam a nossa análise, uma vez que apresentam advs alocados em *domínios* (IP, FocP, etc.) *distintos*. Cf., também, notas 5 e 11.

Ocorrências como (21), contudo, *são possíveis*, ainda que envolvam dois advs de mesma natureza (habituais), *o que parece invalidar* as considerações de Jackendoff (1972). Observar que *di solito e generalmente*, em (21), não se alocam ambos em IP: o primeiro, sim, ocupa Spec, Asp_{Habitual}P, uma das 32 projeções do IP de Cinque (1999); o segundo ocupa WP^o (WP é uma XP alocada imediatamente abaixo do domínio IP, cf. a discussão da nota 5):

- (21) *Italiano*⁵
 Di solito i brasiliani bevono generalmente la capirigna.⁶
 (Em geral, os brasileiros bebem geralmente a caipirinha)

Um modo de refinar essa intuição de Jackendoff (1972), adequando-a à divisão estrutural da sentença em seus espaços *funcionais* constitutivos (CP, IP, DP, etc.) é aquele apresentado em Tescari Neto (2008, 2009) em termos de *condição Tau* (Ä) – definida a seguir. Sentenças do tipo de (21), que deveriam *a priori* ser bloqueadas pela “premissa” de Jackendoff, não são bloqueadas pela *condição Ä*, cujo alcance descritivo-explanatório é maior: dá conta de dados do tipo de (21) – que são possíveis – e de dados do tipo de (18-20) – que são bloqueados por apresentarem itens funcionais ‘de mesma natureza’ (AdvPs que portam um mesmo traço semântico) alocados em um mesmo espaço funcional. A *Condição Ä*, que seria um mecanismo restritor operante em LF, bloquearia sentenças que, em sua derivação, apresentassem itens funcionais com um mesmo traço em uma mesma XP funcional cindida (IP, CP, DP). Naquela oportunidade, enunciamos essa condição da seguinte maneira:

Condição Ä (TESCARI NETO, 2008: 106; 2009)

Um domínio funcional cindido (CP, IP, DP) não pode contar com mais de um especificador ou mais de um núcleo que apresentem um mesmo traço (funcional).

⁵ Assumimos aqui, na esteira de Kayne (1998), que o adv *generalmente*, nesse caso, ocupa a posição de núcleo de *OnlyP*, uma projeção imediatamente posterior a IP e imediatamente anterior a VP. (21) seria derivada de uma sentença como (i), em que o traço [+ focus] atrairia o DP *la capirigna* para Spec-*OnlyP*, que hospeda o focalizador *generalmente* em seu núcleo. Um movimento posterior de *generalmente* para o X^o de WP (um XP que precederia *OnlyP*) se daria, com posterior atração do VP (“bevono t”) para seu Spec, gerando a ordem desejada (cf. os passos da derivação em (ii)).

- (i) Di solito i brasiliani [_{WP} [_{OnlyP} *generalmente* [_{VP} [_{VP} bevono la capirigna...
 (ii) ... *generalmente* bevono la capirigna '‡(*generalmente* atrai o DP “la capirigna”)
 ... la capirigna_i *generalmente* bevono t_i '‡(alçamento de *generalmente* *only* para W^o)
 ... *generalmente*_j la capirigna_i t_j bevono t_i '‡(fronteamento do VP)
 ... [bevono t_i]_k *generalmente*_j la capirigna_i t_j t_k

Em Kayne, o traço [+ w] do X^o de WP – em que w é mnemônico de *word order* (“ordem das palavras”) – é o que explicaria a atração do VP para Spec-WP.

⁶ A mesma sentença é gramatical também em português (cf. *De modo geral, os brasileiros tomam normalmente a caipirinha*) e em grego (*Genika i vrasiliani pinum sinithus 'caipirinha'*) (Arhonto Terzi, comunicação pessoal), o que evidencia a *universalidade* do fenômeno em estudo. Sobre a interpretação de (21), observar que o AdvP à esquerda tem escopo sobre todo o conteúdo proposicional; o advérbio à direita atua como focalizador de “capirigna”, *não estando alocado, este último, em IP*.

Segundo essa condição, que opera sobre XPs *funcionais estendidas* (o CP de Rizzi (1997), o IP de Cinque (1999) e o DP), um domínio funcional não pode abrigar dois ou mais especificadores que portam um mesmo traço ou dois ou mais núcleos que portam um mesmo traço.⁷ A condição *Condição Ā* dá conta de explicar por que os advs de (17-19) não podem co-ocorrer – os advs de cada ocorrência apresentam um traço (semântico) em comum e *estão alocados em (distintos e específicos) especificadores funcionais do IP cindido*. (20-21), embora apresentem o traço [+ habitual] repetido, não é agramatical, uma vez que apresenta os advs em domínios distintos: o primeiro, em IP; o segundo, em projeção mais baixa (cf. nota 5), fora desse domínio.

As razões para o porquê de termos sugerido a condição *Ā*, são as seguintes: segundo a ‘árvore de Cinque (1999)’, dada a ordenação $XP_A > XP_B > XP_C > XP_D$, esperar-se-ia que dois AdvPs dessa série pudessem co-ocorrer, respeitando-se esse padrão de ordenação. Assim:

- (22) a. $AdvP_A > AdvP_B$ (seria uma sentença gramatical), mas
 b. * $AdvP_B > AdvP_A$ (seria uma sentença degradada).

Deveríamos esperar que, empiricamente, um AdvP, por preceder outros AdvPs na hierarquia, pudesse co-ocorrer com eles. Entretanto, dados como (18-20), apresentados acima, têm mostrado que nem sempre as ordens logicamente possíveis que a árvore de Cinque propõe têm realidade na Sintaxe das línguas: haveria uma restrição que bloquearia determinadas ordens.

A condição *Ā* parece, portanto, dar conta de explicar os resultados inesperados de co-ocorrência impossível de advs de XPs distintas do IP cindido. Embora tenha sido pro-

⁷ A condição é clara e envolve *itens funcionais de mesmo tipo* (p. ex., especificador e especificador ou núcleo e núcleo). Ian Roberts (comunicação pessoal) questionou-nos, quando ainda estávamos elaborando esta *condição*, sobre a possibilidade de, em inglês, *probably* (AdvP Mod_{Epistemic}) poder co-ocorrer com *might* (Mod_{Epistemic}⁰).

- (i) You *probably might* have undergone difficulties to get a closer and perfect shave without cuts. (<http://www.helium.com/tm/68531/probably-might-undergone-difficulties>) (Provavelmente você teria tido dificuldades para obter um barbear mais fino, perfeito e sem cortes.)

De fato, é *esperado* pela teoria de Cinque (1999), que o AdvP, em Spec, possa co-ocorrer com o núcleo da mesma projeção, como é o caso de (i): se há a checagem dos traços na relação de *Spec/Head agreement*, é natural que o AdvP especificador co-ocorra com o seu núcleo. O mesmo fato é possível em basco (ii):

- (ii) Normalean, Eda- ohi du. (J. Ortiz de Urbina, comunicação pessoal)
 normalmente beber-PERF HAB Aux.agr
 (Ele normalmente bebe)

Em (ii), o adv modalizador habitual *normalean* checa traços com *ohi*, um X⁰ de mesma natureza. A condição *Ā* não exclui, portanto, a possibilidade de Spec e núcleo de uma mesma projeção co-ocorrerem, dada a necessidade de checagem de traços. Mais uma vez, a condição *Ā* é uma condição sobre categorias do mesmo tipo (Spec-Spec e X⁰-X⁰).

posta, *a priori*, para explicar essas co-ocorrências impossíveis, se verdadeira, a Condição \ddot{A} deverá dar conta das *impossibilidade de advs de XPs distintas aparecerem em uma mesma sentença, se alocados no domínio IP*, mas também poderá ser estendida ao CP cindido de Rizzi (1997), e ao DP cindido.⁸

Um último ponto importante sobre a postulação da Condição \ddot{A} : pautar-se exclusivamente em explicações de natureza semântica para justificar a impossibilidade das ocorrências (18-20) – a proposta dos traços, por exemplo, é essencialmente semântica, visto que os traços funcionais são traços semânticos (cf., para maiores detalhes, ROBERTS (2001) e ROBERTS & ROUSSOU, 2003) – *não seria suficiente para explicar o problema*: se a restrição fosse tão somente de ordem semântica, (21) deveria ser igualmente agramatical. Há, portanto, algum ‘ingrediente sintático’ que deve ser levado em conta. A grande vantagem da condição \ddot{A} é o fato de ela se tratar de uma restrição de ordem semântica *a operar*, contudo, em *domínios sintáticos específicos* (XPs cindidos, i.e., CP, DP, e IP). Nesse sentido, XPs cindidas que apresentassem dois itens funcionais (AdvP-AdvP ou núcleo-núcleo) com um mesmo traço funcional levariam a derivação a ‘implodir’ (*crash*) em LF. A Condição \ddot{A} descarta (18-20), mas não (21) – a qual seria equivocadamente prevista como agramatical por propostas como a de Jackendoff (1972).

Em Tescari Neto (2008), para formalizar a natureza modalizadora dos advérbios de aspecto habitual, valemo-nos especialmente desta condição. Assim, AdvPs de aspecto habitual são inerentemente modalizadores, visto não poderem co-ocorrer com os outros

⁸ Veja a impossibilidade de co-ocorrência das partículas *ne* e *ma* do mandarim chinês (ROBERTS & ROUSSOU, 2003), dado o fato de portarem o traço [+Q] (cf. TESCARI NETO, 2008). Em mandarim chinês, não há palavras-*wh* específicas como em inglês, por exemplo. Há um indefinido, *shema*, que, dependendo do elemento funcional com o qual co-ocorre, assume o traço deste elemento, gerando interpretação [+ wh] ou interpretação [+ yes/no]:

- (i) *Chinês* (Roberts & Roussou, 2003, p. 32)
 - a. *Qiaofang mai-le sheme ma*
Qiaofang comprar-asp indefinido Qy/n
(O Qiaofang comprou alguma coisa?)
 - b. *Hufei chi-le sheme (ne)*
Hufei comer-asp indefinido Qwh
(O que Hufei comeu?)

Em (ia), a co-ocorrência de *sheme* com *ma* carrega a interpretação *yes/no question* para o indefinido *sheme*. Em (ib), a co-ocorrência de *shema* com *ne* carrega a interpretação *wh* para o indefinido. Mas *ne* e *ma* estão em distribuição complementar (Roberts & Roussou, 2003, p. 31-32). Ambos *ne* e *ma* apresentam um traço funcional distintivo (respectivamente [+ wh] e [+ yes/no]). O que explicaria, então, o fato de essas duas partículas funcionais do chinês estarem em distribuição complementar, i.e., não poderem co-ocorrer na mesma sentença? O traço adicional [+Q]. Ambos *ne* e *ma* são itens funcionais *interrogativos*. Parece existir uma condição na sentença que bloqueia a co-ocorrência de traços funcionais semelhantes e cruciais para a interpretação em LF. (cf. Tescari Neto, 2008, p. 105). A mesma condição parece operar, também, no DP cindido em relação aos APs ali alocados, o que impediria ocorrências do tipo de (ii a-b):

- (ii) a. ?? A provável derrota possível do Corinthians...
- b. ?? A possível derrota provável do Corinthians..

modalizadores de descomprometimento (tradicionalmente reconhecidos pela literatura),⁹ a saber, *provavelmente* (epistêmico), *talvez* ('irrealis') e *possivelmente* (alético de possibilidade), se alocados, ambos, num mesmo domínio funcional, a saber, o IP cindido.^{10,11}

Epistêmicos e aspectuais habituais

⁹ Esses outros modalizadores de descomprometimento (*epistêmicos*, *irrealis* e *aléticos de possibilidade*) também não podem co-ocorrer entre si, o que corrobora a natureza modalizadora dos habituais, que não podem co-ocorrer com esses AdvPs:

- (i) *epistêmicos e irrealis*:
*Provavelmente os homens primitivos talvez caçassem/caçavam de manhã.
- (ii) *'irrealis' e aléticos de possibilidade*:
Dialeto romano
* Forse Maria possibilmente sta a racconta una storia ai fii.
(Talvez a Maria possivelmente conta uma história aos filhos.)
- (iii) *epistêmicos e aléticos de possibilidade*:
Inglês
* Probably, John possibly wins his games.
(Provavelmente o John possivelmente ganha seus jogos)

¹⁰ Para as ocorrências de (23-30) que não são do PB, vale como glosa a primeira, em português, de cada grupo, a menos que a glosa seja apresentada entre parênteses, quando não corresponderem à primeira do PB.

¹¹ Observe que a possibilidade de ambos aparecerem na mesma sentença

- (i) Provavelmente os homens primitivos caçavam normalmente de manhã.

não invalida as nossas observações. O que está em jogo aqui é uma questão de ordenação dos AdvPs. Um AdvP alto pode atuar como focalizador de constituintes da oração (cf. Cinque, 1999; e nota 5 de nosso trabalho). Segundo Cinque, os focalizadores *não são considerados AdvPs inerentes*, mas adverbiais, porquanto não são rigidamente ordenados (em termos de hierarquia funcional), posicionando-se livremente um em relação ao outro. Além disso, não contam com um núcleo licenciador, que compartilhe traços com o AdvP (os advs focalizadores são, na realidade, realizados na forma de X⁰s, não de XPs – cf. nota de rodapé 5 –). Portanto, em uma sentença como (i), o adv *normalmente*, alocado à direita de VP, é focalizador, não AdvP propriamente dito. Evidência para isso vem da gramaticalidade de (ii), já que AdvPs habituais precedem AdvPs frequentativos na hierarquia de Cinque (cf. iii.a-iii.b).

- (ii) Frequentemente os homens primitivos caçavam normalmente de manhã.
- (iii) a. Normalmente os homens primitivos frequentemente caçavam de manhã.
b. * Frequentemente os homens primitivos normalmente caçavam de manhã.

Em (ii), o frequentativo *frequentemente* precede o habitual *normalmente* e a sentença é gramatical, visto que ambos estão em domínios distintos, i.e., o frequentativo se posiciona em IP (como adv alto) e o habitual está sob o escopo de VP, como adv focalizador. A importância de tais observações é a sua convergência para o fato de existirem zonas onde os AdvPs podem atuar como sentenciais ou adverbiais de constituintes, i.e., focalizadores: em IP os advs são sentenciais. Entretanto, um adv sentencial pode ser reaproveitado como focalizador não inerente. Nesses casos, o adv é um X⁰ (homônimo do AdvP alto) e atua como focalizador de constituintes verbais, não como adv (caso de *normalmente* nas ocorrências (i-ii) desta nota. Observe que uma interpretação *a la* Jackendoff (1972), de (i), poderia equivocadamente prever a sua agramaticalidade. Recorrer, nesse sentido, à condição \bar{A} nos evita de correr o risco de descartar sentenças possíveis como essa. Reconhecer que as restrições semânticas sobre a co-ocorrência de itens funcionais (advs-advs; Spec-Spec) levam em conta domínios sintáticos específicos é, pois, um avanço em relação às propostas eminentemente semânticas como a de Jackendoff.

- (23) * Provavelmente os homens primitivos normalmente caçavam de manhã.¹²
 (24) *Italiano* (G. Cinque, comunicação pessoal)
 ??? Probabilmente gli uomini primitivi normalmente cacciavano di mattina.

¹² Um dos pareceristas anônimos nos chamou a atenção para o fato de que, para ele, as sentenças (23), (26) e (28) “parecem perfeitas, mesmo sem o constituinte “de manhã”, o que mostra que a interpretação não é de escopo sobre o constituinte”. Neste caso, segundo a leitura do parecerista, (i), a seguir, seria possível, o que mostra que *normalmente* teria escopo sobre a proposição, o que invalidaria as conclusões trazidas à luz pela condição *Ā*:

- (i) Provavelmente os homens primitivos normalmente caçavam.

O parecerista ainda nos lembrou da necessidade de, em estudos futuros, realizarmos “testes com falantes nativos, montando pequenas estórias que determinem um contexto específico de interpretação para estes advérbios, de forma a ter segurança completa sobre os julgamentos e a interpretação que os falantes atribuem para estas sentenças.” Agradecemos muitíssimo a interessante e cuidadosa observação feita pelo parecerista e referimos ao leitor à discussão desse ponto, já feita em Tescari Neto (2008, cap. IV, seção 3.4, p. 118 *et seq.*), em que apontamos justamente o problema da criação de um ‘contexto’ que legitime apenas uma leitura aspectual para o habitual à direita. Não trataremos com vagar do problema aqui, devido às limitações do espaço (cf., para isso, Tescari Neto (*op. cit.*)). Entretanto, vale um breve comentário. Há falantes (parece ser este o caso do parecerista!) que consideram possíveis sentenças do tipo de (ii) – envolvendo um adv habitual e um outro AdvP de descomprometimento (epistêmico (*provavelmente*), alético de possibilidade (*possivelmente*), ‘irrealis’ (*talvez*), ambos posicionados em IP:

- (ii) *Inglês*
 a. – Why does John’s wife always answer the phone?
 – ?Perhaps John is usually busy.
 (Por que a mulher do John sempre atende o telefone?
 Talvez o John normalmente esteja ocupado)
 b. – Why does John always win?
 – Possibly John usually cheats.
 (Por que que o John sempre ganha?
 Possivelmente o John normalmente trapaceia.)

Em (ii), o adv *always* (*sempre*) da frase anterior, legitima a leitura tão somente aspectual do AdvP *usually* (*normalmente*), o que permite a sua co-ocorrência com *perhaps* (*talvez*), em (iia), e com *possibly* (*possivelmente*), em (iib). Não há violação da condição *Ā*, já pelo fato de *usually* instanciar tão somente uma leitura aspectual, não mais modalizadora nesse caso. Estamos seguros sobre o valor tão somente aspectual de *usually* nesses casos: *always* legitima a leitura aspectual do adv que pode co-ocorrer com um AdvP de descomprometimento, sem prejuízo de gramaticalidade para a sentença. Entretanto, nada temos a dizer sobre qual posição *usually* seria gerado nesse caso, o que necessita de ulterior investigação.

Voltando a (i), que o parecerista julgou possível, retomamos—e adaptamos(!), para ‘dialogar’ com a objeção do parecerista—Tescari Neto (2008, p. 84), em que discutíamos ainda a possibilidade de alguns falantes aceitarem sentenças do tipo de (i). Observar que a explicação que damos para (i) será similar àquela dada para (ii): a criação de um contexto para (i) poderia torná-la gramatical (cf. (ia)):

- (ia) (Na aula de história) (adaptado de Tescari Neto, 2008, p. 84):
Cristina (aluna): – Dona Cidinha, eu perdi a aula passada. Daí, eu peguei o caderno da Jânia e copieei a matéria. Mas eu não entendi muito bem a parte que a senhora explicou sobre a caça no Período Neolítico. Os homens das cavernas sempre caçavam?
Dona Cidinha (professora): – Ah, tá, Cristina. Eu disse que *provavelmente eles normalmente caçavam*. Mas pode ser também que alguns grupos já criavam animais para matar para comer. Entendeu?

- (25) *Coreano*
 * *Amado* *wonsiin-eun* *ilbangeok-euro*
 provavelmente homem primitivo: NOM normalmente
achime *sanhang ha* *kon* *Haet-et-da*
 manhã-LOC caça-ACC AspHab Fazer-PASS

Irrealis' e aspectuais habituais

- (26) * Talvez os homens primitivos normalmente caçavam de manhã.

- (27) *Coreano*
 * *NjjOmyon* *wonsiin-eun* *ilbangeok-euro*
 talvez homem primitivo: NOM normalmente
achime *sanhang ha* *kon* *haet-et-da*
 manhã-LOC caça-ACC AspHab fazer-PASS

- (28) *Italiano*
 *Forse i brasiliani normalmente/di solito/solitamente sono buoni giocatori.
 (Talvez os brasileiros normalmente são bons jogadores)

Aléticos de possibilidade e aspectuais habituais

- (29) * Possivelmente os brasileiros normalmente são boas pessoas.

- (30) *Italiano*
 * Possibilmente i brasiliani normalmente/di solito/solitamente sono buoni giocatori.
 (Possivelmente os brasileiros normalmente/geralmente são bons jogadores.)

AdvPs de aspecto habitual geram, portanto, efeitos de modalização, no sentido de que, além de tornarem a proposição indeterminada em relação a seu estatuto factual, expressam descomprometimento do falante em relação ao que diz. Podemos observar este efeito ao confrontar o comportamento de advs modalizadores tradicionais (epistêmicos, 'irrealis' e aléticos de possibilidade) entre si (cf. nota 9) e dos advs habituais com esses (cf. 23-30). O resultado é uma sentença agramatical, como vimos nas ocorrências acima.

Agora chegamos ao ponto-chave deste artigo: diferenciar os AdvPs habituais dos AdvPs de frequência em termos do efeito modalizador gerado por aqueles, mas não por estes. Os dados a seguir, se comparados com (23-30), deixam evidente que o efeito modalizador dos habituais *não é compartilhado por advs de frequência*, porquanto esses últimos não reagem à presença de modalizadores tradicionais, se ambos se alocam no IP estendido:

Nesse caso, a sentença "provavelmente eles normalmente caçavam", na resposta da professora, é considerada gramatical, já pela criação de um contexto em que o advérbio *normalmente* licencia apenas a leitura aspectual, o que não o faz reagir com o adv modalizador *provavelmente*. Embora estejam os dois advs à esquerda de vP, a gramaticalidade da ocorrência se explica pelo fato de o domínio desses advs não ser o mesmo: *provavelmente* tem escopo sobre a sequência que inclui *normalmente*. *Normalmente* tem escopo sobre a sequência que não inclui *provavelmente*. (ia), em LF, poderia ser representada como em (ib) a seguir:

- (ib) (simplificada)
 (LF) [[_{ModEpistP} *provavelmente* [_{AspP} *normalmente* [_{IP} *eles caçavam de manhã*]]].

Não, há, portanto, 'competição' pelo argumento que os operadores adverbiais tomam por escopo, nem *overlapping* de traços, como ocorre nos exemplos (18-20) e (23-30). A sentença soa gramatical.

- (31) *Italiano* (a.), *PB* (b.)
 a. *Probabilmente/forse/possibilmente* Sempronio *frequentemente* lavora fuori.
 (Provavelmente/talvez/possivelmente o S. frequentemente trabalha fora.)
 b. *Provavelmente/talvez/possivelmente* o S. frequentemente trabalha fora.
- (32) *Coreano*
 Amado/OjjOmyon wonsiin-eun jaju
 provavelmente/talvez homem primitivo:NOM frequentemente
achime sanhang ha kon haet-et-da
 manhã-LOC caça-ACC AspHab fazer-PASS
 (Provavelmente/talvez o homem primitivo frequentemente caçava de manhã.)

Assim, valer-se do efeito modalizador gerado pelos habituais, mas não pelos frequentativos, tendo em vista a condição \ddot{A} , é uma outra forma de diferenciar os advs habituais dos frequentativos, e, mais do que isso, diferenciar a categoria aspecto habitual da categoria aspecto frequentativo/iterativo.

Há ainda dois pontos a tratar sobre os dados (23-32). Jon Ortiz de Urbina (comunicação pessoal) sugeriu-nos que o efeito modalizador dos advs de aspecto habitual poderia ser uma questão de implicatura pragmática, não um problema de sintaxe/semântica, propriamente dito, pois o efeito mitigativo de descomprometimento do falante que emerge pelo uso do adverbial aspectual se deve ao fato de esses AdvPs não serem quantificadores universais. A consequência seria um efeito modalizador via implicatura pragmática.

Segundo a nossa análise, entretanto, embora a modalização gerada por AdvPs de aspecto habitual gere esse efeito de ‘implicatura pragmática’, não se deve anular o fato de, já na sintaxe dos advs habituais, o efeito modalizador vir à luz: como vimos, a condição \ddot{A} é uma restrição semântica, que opera, contudo, em domínios sintáticos específicos.

O segundo ponto tem uma importância singular aqui e *deve ficar bem claro* a partir da discussão de (23-32): poder-se-ia questionar se o efeito modalizador dos AdvPs de aspecto habitual não seria uma espécie de subproduto da quantificação por eles gerada. Por esse viés, a modalização gerada por advs habituais seria, na realidade, um efeito da quantificação adverbial.¹³ Não parece, contudo, ser este o caso: não seria lícito tratar da modalização gerada pelos advs habituais como um subproduto da quantificação por eles gerada, uma vez que os advs aspectuais habituais são os *únicos aspectuais quantificadores* que geram esse efeito modalizador. *Se a modalização fosse um subproduto da quantificação adverbial, os outros advs aspectuais quantificadores (dentre eles os frequentativos) deveriam, na mesma medida, gerar modalização de descomprometimento, o que, de acordo com (31-32), não acontece*: advs de frequência não reagem à presença de advs modais; não há violação da condição \ddot{A} , justamente pelo fato de os quantificadores frequentativos não serem advs modalizadores de descomprometimento.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Comrie (1976) menciona uma confusão, na literatura linguística, sobre o que considerar aspecto habitual e sobre o que considerar aspecto iterativo/frequentativo. Segundo o

¹³ Esse problema foi-nos trazido à luz por Ruth E. V. Lopes e J. Ortiz de Urbina, a quem agradecemos o questionamento.

autor, o aspecto habitual refere-se a situações que se sucedem durante um período apresentado como sendo ilimitado, ao passo que o aspecto frequentativo indica “a mera repetição de uma situação”. (id., *ibid.*, p. 26s.). Bhat (1999) diferencia o aspecto habitual do frequentativo/iterativo, tendo em vista o fato de que o primeiro é *indutivo* e o segundo *dedutivo*. Cinque (1999) baseia-se em testes sintáticos para propor que, uma vez que AdvPs habituais podem co-ocorrer com AdvPs frequentativos (desde que a ordem *habitual* > *frequentativo* seja preservada), tais advs fazem parte de projeções distintas, que encerram manifestações também distintas da categoria aspecto.

O ponto principal do artigo foi tomar a natureza modalizadora dos advs habituais — *possibilidade não aberta aos advs frequentativos*, como vimos — para diferenciar o aspecto habitual do aspecto frequentativo.

Argumentamos, contra Santana (2005), que no PB há a distinção Asp_{Hab} P e Asp_{Frequentative} P. Esta distinção já era proposta em Cinque (1999). Valemo-nos de dados de diversas línguas para propor que os AdvPs Asp_{Habitual}, mas não AdvPs Asp_{Frequentative}, são modalizadores nas línguas naturais.

Conforme vimos ao final da seção 3, o efeito de modalização *não é um subproduto da quantificação*, pois, se o fosse, ambos os advs aspectuais estudados aqui (habituais e frequentativos) – e os demais advs quantificadores de Lewis (1975) – apresentariam o mesmo comportamento em ocorrências envolvendo AdvPs de descomprometimento, *por serem quantificadores*. Os habituais reagem à presença de AdvPs de descomprometimento; os frequentativos, não. *A modalização de descomprometimento é inerente aos advs habituais*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BELLERT, I. (1977). On semantic and distributional properties of sentential adverbs. *Linguistic Inquiry*, 8(2):337–351.
- BELLETTI, A. (1990). *Generalized Verb Movement: Aspects of Verb Syntax*. Torino: Rosenberg & Sellier.
- BHAT, D. N. S. (1999). Category of Aspect. In: _____. *The Prominence of Tense, Aspect and Mood*. Amsterdam/Philadelfia: John Benjamins Publishing Company, 43-62.
- BHATIA, A. (2007). *Testing Cinque's hierarchy: Adverb Placement in Hindi*. Disponível na página: <http://ling.wisc.edu/lso/wpl/6/bhatia.pdf> Consulta: 1. outubro.
- CASTILHO, A. T. (1993). *A predicação adverbial no português falado*. Tese (Livre-Docência) FFLCH, Universidade de São Paulo. São Paulo.
- CHIERCHIA, G. (1995). Individual-Level Predicates as Inherent Generics. In: CARLSON, G. N.; PELLETIER, F. J. (Eds.) *The Generic Book*. Chicago: Chicago Univ. Press, 176-223.
- CINQUE, G. (1999). *Adverbs and Functional Heads: A Cross-Linguistic Perspective*. New York, Oxford: Oxford University Press.
- _____. (2001). Restructuring and the order of aspectual and root modal heads. In G. Cinque e G. Salvi (Eds). *Current Studies in Italian Syntax*. Amsterdam: Elsevier, 137-155.

- _____. (2003). The Interaction of Passive, Causative, and Restructuring in Romance. In: TORTORA, C. (ed). *The Syntax of Italian Dialects*. Oxford: OUP, 50-66.
- _____. (2005). Deriving Greenberg's Universal 20 and Its Exceptions. *Linguistic Inquiry*, n. 36, 315-332.
- _____. (2006). Restructuring" and Functional Structure. In: CINQUE, G. *Restructuring and Functional Heads. The Cartography of Syntactic Structures*. Vol. 4. New York: Oxford University Press, 11-64.
- COMRIE, B. (1976). *Aspect: An Introduction to the Study of Verbal Aspect and Related Problems*. Cambridge: Cambridge University Press.
- DALL'AGLIO-HATTNER, M. M. (1997). A construção do efeito de (des)comprometimento do falante. *Estudos Lingüísticos*, v. XXVI, 261-269.
- ILARI, R.; BASSO, R. M. (2003). *Semântica e representações do sentido*. Campinas: Departamento de Linguística, IEL/Unicamp.
- JACKENDOFF, R. (1972). *Semantic interpretation in Generative Grammar*. Cambridge: MIT Press.
- KAYNE, R. (1998). Overt vs. covert movement. *Syntax* 1 (2), 128-191.
- LEWIS, D. (1975). Adverbs of Quantification. In KEENAN, E. (Ed.) *Formal Semantics of Natural Language*. Cambridge: Cambridge University Press, 3-15.
- NARROG, H. (2005). On defining modality again. *Language Sciences*, 27/2, 165-192.
- RIZZI, L. (2005). Locality and Left Periphery. In: _____. (Ed.) *The Structure of CP and IP: The Cartography of Syntactic Structures*. vol. 2. New York: Oxford University Press.
- ROBERTS, I. (2001). Language Change and Learnability. In: BERTOLO, S. (Ed.) *Language Acquisition and Learnability*. Cambridge: Cambridge University Press, 81-125.
- ROBERTS, I. ROUSSOU, A. (2003). Parameters, functional heads and language change. In: _____. *Syntactic Change: A Minimalist Approach to Grammaticalization*. Cambridge: CUP.
- SANTANA, M.S. (2005). *A sintaxe do advérbio*. (Dissertação – Mestrado em Lingüística). Rio de Janeiro, UFRJ.
- TESCARI NETO, A. (2008). *AdvPs de aspecto habitual como modalizadores inerentes: um estudo translingüístico*. Campinas, UNICAMP. Dissertação (Mestrado em Linguística).
- _____. (2009). *In support (of the universality) of the monoclausality of restructuring contexts*. Ms. University of Venice.